

# O JUDÔ ADAPTADO À PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E FÍSICA

**Kananda Michelle Fernandes da Silva**

Acadêmica de licenciatura do curso de Educação Física na Faculdade Sete de Setembro – FASETE

**Jorge Paulo Gomes de Carvalho**

Docente do Curso de Educação Física da Faculdade Sete de Setembro - FASETE

**Ana Carolina Santana de Oliveira**

Docente do Curso de Educação Física da Faculdade Sete de Setembro - FASETE

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar o (s) motivo (s) pelo quais os alunos com deficiência visual e paralisia cerebral escolheram a modalidade judô como prática esportiva dentre outras modalidades. A pesquisa foi realizada com dois indivíduos ambos do gênero masculino, o deficiente visual tem 29 anos e o outro de 13 anos de idade. Para alcançar o objetivo do estudo foi feita uma entrevista semiestruturada de forma explicativa descritiva, com o aluno deficiente visual e uma entrevista com a responsável do aluno que tem paralisia cerebral. De acordo com os resultados fica claro que as pessoas mesmo possuindo algumas limitações estão inseridas no mundo esportivo e que o mesmo vem trazendo resultados esperados e satisfatório. Espera-se que o presente estudo possa contribuir para o conhecimento dos profissionais da área de Educação e demais áreas e os também que buscam conhecer sobre o judô adaptado.

**Palavras Chaves:** Judô. Deficiência Visual. Deficiência Física.

## ABSTRACT

This paper aims to identify the reason(s) why students with visual disability and cerebral palsy chose the Judo as their sport among other modalities. This research was conducted with two male individuals: one is 29 years old and suffers from visual disability, and the other is 13 years old and suffers from cerebral palsy. In order to reach the objectives of this study, it was made use of an explicative and descriptive interview with the visual-disabled student, and an interview with the person responsible for the boy carrier of cerebral palsy. According to the results, it is clear that, even suffering from some disabilities, people can be inserted in the sports world and that this action has brought positive results. We expect that this research may contribute to the knowledge of professionals in education field and others, as well as those who seeks to know more about adapted-Judo.

**Keywords:** Judo. Visual Disability. Physical Disability.

## **1 INTRODUÇÃO**

No mundo esportivo encontramos vários e diversos problemas onde também ainda não estão solucionados, muitas vezes o governo, sociedade e família colocam pontos finais em situações que devem ser revolucionadas e solucionadas. Este estudo tem como objetivo investigar quais os motivo(s) que leva(m) os alunos com deficiência optarem pela a prática do judô nas escolinhas esportivas

Neste trabalho nos deparamos com problemas como: quais os motivos que levam alunos com deficiência a optarem pelo judô em escolinhas esportivas, quais as principais dificuldades que as pessoas com deficiência possuem para a prática do judô, quais as estratégias de ensino que auxiliam na inclusão dessas pessoas e seus respectivos comprometimentos.

Esses são alguns dos problemas que encontramos e que precisam ser solucionados ou esclarecidos. Tendo também como hipóteses das problemáticas que para os respectivos problemas, que seja mais usual a prática do judô por pessoas com deficiência visual que as dificuldades apresentadas pelos alunos com deficiência são por treinarem com pessoas que não possuem as respectivas deficiências e que as estratégias para as adaptações de ensino não se diferenciam quanto às regras, equipamentos e espaço físico, e sim quanto às instruções, nessa escolinha de treinamento de judô.

No judô paralímpico o tatame é de alto relevo, e as regras são adaptadas apenas quanto ao início da luta, uma vez que os atletas já começam o combate com a pegada já realizada.

Esse estudo se faz de grande importância pois vimos que o esporte mesmo já sendo adaptado para o público com alguma (s) limitações, pois já vimos que mesmo algumas modalidades esportivas só incluem algumas limitações e outras pessoas com diferentes limitações que praticam a mesma modalidade, sendo necessário uma modificação e abrangência para outras pessoas.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A busca pela prática do judô acontece por vários motivos, seja por estética, qualidade de vida, interação social, sonho de se torna um atleta. O judô é muito além de um mero tatame sendo um conjunto de estruturas físicas, humanas e materiais.

O judô não é diferente das outras modalidades sendo também um dos conteúdos da Educação Física, ele possui uma história e uma disciplina que na sua maioria das vezes chama a atenção do pais e interessados, por ter uma história que ressalta muito a disciplina e higiene.

É uma luta oriental que foi a primeira modalidade de luta a se tornar olímpica e que hoje existe vários centros de treinamento proporcionando a prática desta modalidade. O judô está entre os desportos mais desenvolvidos do Brasil, e como tal tem conseguido grandes êxitos no âmbito competitivo internacional, mostrando que o processo de preparação se destaca entre os melhores do mundo (GRECO; VIANA, 1997).

Foi idealizado no Japão em 1882, por Jigoro Kano, após várias observações que o mesmo fez, decidindo assim criar uma arte com um viés de filosofia de vida que trabalhasse corpo e mente em conjunto, e que as pessoas praticassem um esporte sem violência preservando assim, a integridade física. Ao criar esta arte marcial, Kano tinha como objetivo criar uma técnica de defesa pessoal, além de desenvolver o físico, espírito e mente (KANO, 2008).

Esta arte marcial chegou ao Brasil no ano de 1922 do século XX, em pleno período da imigração japonesa, tornando-se a modalidade esportiva que hoje possui, em média de dois milhões de praticante (ROSA, 2010). O judô é uma modalidade onde já existe vários projetos sociais difundidos pelo mundo, pois de acordo com o fundador acredita-se que o judô tem como filosofia o uso da energia para o bem – Seirioulu Zenyo, prosperidade e benefícios mútuo – Jita Kyoei, e suavidade – Ju.

O judô inclui pessoas que possuem deficiência visuais, modalidade na qual os atletas participam das paraolimpíadas, sendo que a adaptação relacionada ao judô paraolímpico é apenas a forma de dar início ao combate, pois a adaptação na regra sofrida é que os atletas já iniciam a luta com as mãos em forma de pegada no judôgui. Se um dos atletas perder o domínio da pegada do oponente o cronômetro é parado para o juiz orientar a pegada de ambos, caso os atletas saiam do espaço do tatame os mesmos não recebem punição, apenas o juiz solicita para voltarem a área de competição permitida.

Nesta discussão, especificamente, a discussão é sobre judô de alto rendimento, mas existem pessoas com outras deficiências que praticam o judô. Porém nas escolinhas de treinamento e projetos sociais ainda não é tão comum a presença de pessoas com deficiência praticando esta

modalidade, acreditando-se que seja na grande maioria das vezes falta de incentivo da sociedade, família e em alguns casos falta de preparação dos professores/treinadores, por acreditarem que não estão preparados para lidar com esse público alvo.

Ainda que pouco aceitável, ainda existem professores/treinadores que possuem graduação que se recusam ou que se acham incapazes de proporcionar a inclusão para esse público.

O judô é uma modalidade para todos, seja, o forte, o menos habilidoso, o deficiente, pois segundo o ECA (Estatuto da criança e adolescente) o esporte é um direito de todos. O aluno que pratica judô aprende que se deve “ceder para vencer”, “ser perseverante”, “cair para se levantar”, entre outros preceitos aplicados na luta e na vida (SHIOZAWA, 1999), abrangendo a todos que praticam.

Os benefícios do judô são para todos que praticam a arte, pois, não foi criado apenas para pessoas que tem como objetivo a estética do corpo, a ocupação ociosidade, a defesa pessoal, a qualidade de vida física e mental. Já dizia Jigoro Kano (2008) em um de suas conferências:

jujutsu não somente porque o achei interessante, mas também, porque compreendi que seria o meio mais eficaz para a educação do físico e do espírito. Porém, era necessário aprimorar o velho jujutsu, para torná-lo acessível a todos, modificar seus objetivos que não eram voltados para a educação física ou para a moral, nem muito menos para a cultura intelectual. Por outro lado, como as escolas de jujutsu apesar de suas qualidades tinham muitos defeitos - concluí que era necessário reformular o jujutsu mesmo como arte de combate. Quando comecei a ensinar o jujutsu estava caindo em descrédito. Alguns mestres desta arte ganhavam a vida organizando espetáculos entre seus alunos, por meio de lutas, cobrando daqueles que quisessem assistir. Outros se prestavam a ser artistas da luta junto com profissionais de sumô. Tais práticas degradantes prostituíam uma arte marcial e isso me era repugnante. Eis a razão de ter evitado o termo jujutsu e adotado o do judô. E para distingui-lo da academia Jikishin Ryu, que também empregava o termo judô, denominei a minha escola de Judô Kodokan, apesar de soar um pouco longo. (KANO, 2008, p. 68)

As pessoas com mobilidade reduzida, as vezes se rotulam de incapaz por possuírem algum tipo de deficiência, e vimos nas paraolimpíadas a tão grande superação dos mesmos, onde alguns já tinha nascido deficientes e outros adquiriram e que muitas das vezes acharam que não era ninguém e que a vida tinha acabado a partir do dia em que se lesionaram. A inclusão do esporte faz com que os alunos/atletas se sintam capazes de realizar funções iguais das que as pessoas que não possuem nenhum comprometimento

No tatame tudo é aprendido, tanto para avançar na modalidade quanto para a vida, onde eles aprendem ao treinar e ensinam aos demais que tudo é possível, e o valor da superação. O judô

não é apenas uma arte marcial, mas um princípio básico do comportamento humano. A aplicação deste princípio na defesa contra-ataques ou como educação física em randori - treino livre no Dojô - lugar onde se pratica judô, é apenas um aspecto do judô – é um erro supor que o judô termine no dojô (JIGORO KANO, 2008).

O termo esporte adaptado nos remete a lembrar de pessoas que possuem alguma deficiência, onde a mídia mostra esses atletas e em época das paraolimpíadas, evento composto por pessoas com limitações reduzidas fazem parte ativamente da competição, lembrando que o termo portador de deficiência física não existe nesse contexto, pois, o mesmo não escolhe portar sua deficiência:

O esporte para pessoas portadoras de deficiência nasceu em 1958 com Robson de Almeida, portador de paraplegia. Foi ele quem fundou no Rio de Janeiro o primeiro clube de esporte do gênero: o Clube do Otimismo. O gesto de Robson foi resultado da experiência vivida nos Estados Unidos, onde fizera tratamento de reabilitação. Em 1960, realizou-se a I Paraolimpíada, tendo a participação de 23 países e 400 atletas portadores de deficiência. Apenas em 1972, na IV Paraolimpíada, na Alemanha, houve a primeira participação brasileira na modalidade de bocha, mas não trouxe medalha. (ROBSON; ALMEIDA, 2000, P.98)

A cada dia que passa vem crescendo cada vez mais a presença e a atuação dos esportes adaptados, dando vez para as pessoas que possuem algum comprometimento estarem inseridos também no esporte de alto rendimento. No Brasil temos grandes atletas de inúmeras modalidades esportivas, sendo elas coletivas e individuais. É gratificante os resultados que os mesmos vêm tendo nas paraolimpíadas, tendo ocorrido neste aqui no Brasil onde tivemos grandes atletas Brasileiros e Internacionais mostrando o seu esforço e dando exemplos de vida. Porém o Brasil ainda precisa investir na área esportiva, seja para os atletas deficientes ou não. Alguns relatos mostra a importância do esporte adaptado:

No Brasil a história de Anderson Lopes, portador de paralisia cerebral que o deixou sem movimentos do lado direito do corpo, remete a um processo informal de preparação no esporte até a conquista da primeira medalha em competições esportivas: Sempre fui alucinado por esportes. Nadava desde muito pequeno para reabilitação até que decidi competir. No entanto, nunca conseguia conquistar uma medalha. Então, parti para o futebol. Também não fui bem sucedido. Descobri no atletismo as provas que me fariam um atleta mais do que realizado: os lançamentos de dardo e disco e o arremesso de peso. Na Paraolimpíada de Atlanta conquistei a medalha de bronze com a marca de 37 metros e 46 cm. A Paraolimpíada é o segundo maior evento esportivo do mundo. Só perde para a Olimpíada. Mas não perde o brilho (SILVA, 2001, p. 115-123).

Outro exemplo é de Paulo César dos Santos, portador de deficiência física desde os onze anos, quando foi baleado e teve de usar cadeiras-de-rodas. Aos quatorze anos começou a nadar e logo adaptou-se ao basquete, onde continua até hoje. Segundo ele, uma das maiores dificuldades do time é a falta de patrocínio. Por ser um esporte adaptado, o custo da manutenção da cadeira-de-rodas é muito alto. Para ele, quando as pessoas tiverem consciência que o esporte não é só lazer para os deficientes, e sim algo profissional, a situação poderá melhorar. (SILVA, 2001, p. 115-123)

Sabemos que a deficiência pode ser adquirida ou não, sendo assim mostrando a força de vontade desses atletas, será uma preparação para as crianças e jovens, pois como citado acima a deficiência ela pode ser adquirida como acontece em grandes casos, e as paraolimpíadas mostra que mesmo com toda dificuldade ainda é possível viver bem, ser atleta e subir ao pódio. Várias crianças e jovens do Brasil que são deficientes, tendem a se isolar muitas vezes por que a sociedade não inclui os mesmos, e antes de estar em um esporte a sociedade tem que quebrar os paradigmas existentes de preconceitos.

Muitos treinam para superar limites, outros, para ser atletas de alto nível. O termo “alto nível” significa algo em um plano elevado, relevante, superior, ilustre ou nobre numa escala de valores, dentro de um contexto comparativo das condições de existência (FERREIRA, 1986). Outros buscam apenas interagir e superar limites, Segundo Wheeler, Steadward, Legg, Hutzler, Campbell e Johnson (1999), em relação à iniciação ao esporte adaptado: reabilitação, oportunidade social, recrutamento e continuidade no esporte.

Não se faz necessário ser deficiente para saber o quanto é sofrido a realidade dos mesmos, começando pela falta de acessibilidade que até mesmo nas grandes capitais ainda não possui. Dificultando o que é de mais simples que é o deficiente se portar pela cidade. Não indo muito longe, colocando a sociedade como culpada, a exclusão também é realidade que começa dentro da própria casa, onde a família deveria ser a base de incentivo. Já dizia Palla, para a criança, a noção de aceitação dos benefícios do esporte e a motivação para iniciar e continuar dependem do apoio da família.

Se pararmos para analisar na fala de depoimentos de alguns atletas ou até mesmo de pessoas que praticam alguma atividade física, notamos que a luta deles começa pela aceitação e auto-estima e vai percorrendo por inúmeras dificuldades, nas competições não deixa de ser diferente. Para Wheeler et al. (1999), a competência pessoal está associada com a habilidade de competir com a noção de deficiência e a instalação da baixa estima. O esporte e a superação no mesmo renova a percepção mudando a autoestima e criando uma imagem corporal positiva. O indivíduo atleta torna-se hábil para competir no mundo, aprende a derrotar seu oponente (também portador de deficiência) com respeito e aprende a perder com dignidade.

Sendo assim o esporte adaptado tem o significado de competição do atleta contra si, contra sua deficiência, contra a vida e contra os outros. Tendo sim lógico a sede de ganhar do oponente, porém não é tão notável a sede igual à que vimos nas olimpíadas que o mais importante é

ganhar e não superar limites. Superar limites vimos no esporte adaptado no esporte olímpico vimos uma superação de limites mais não igual aos que possuem deficiência, pois antes de tudo eles tem que se adaptar as lesões.

As modalidades de esportes adaptados de alto rendimento são: Atletismo, basquetebol em cadeira de rodas, bocha, canoagem Velocidade, ciclismo de estrada, ciclismo de pista, esgrima em cadeira de rodas, futebol de 5, futebol de 7, goalball, halterofilismo, hipismo, judô, natação, remo, rugby em cadeira de rodas, tiro com arco, tiro esportivo, triátlon, tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas, vela, voleibol sentado, totalizando 24 modalidades esportivas.

Sendo que cada modalidade são específicas para alguns deficientes, sendo assim não são todas as deficiências que estão agregadas às modalidades, tendo cada modalidade o seu público específico. Somente o esporte Goalball foi especificamente criado para o público deficiente, onde os demais esportes paraolímpicos foi criado para as pessoas que não possuem deficiência e logo adaptado para incluir os deficientes no esporte.

A desculpa muitas vezes das famílias, governantes e professores é que para treinar este público, precisam de materiais e de avanços tecnológicos, onde os mesmos necessitam de algum material esportivo específico para a deficiência. Se os mesmos soubessem a importância de ajudar essas pessoas superar as próprias limitações a inclusão e a acessibilidade daria um grande passo para um futuro melhor.

As pessoas que possuem algum tipo de deficiência seja ela física ou não, estão sendo incluídas, coisas que já deveria ser por naturalidade sem que precisasse de leis para isto. Sendo assim os mesmo vem ganhando chances no esporte adaptado.

CP-ISRA - Associação Internacional de Desporto e Recreação para Paralisados Cerebrais - Esta organização foi criada em 1978, com a finalidade de proporcionar maiores oportunidades desportivas e recreativas a pessoas com paralisia cerebral ou com lesões cerebrais não progressivas, congênicas ou adquiridas que provoquem disfunção motora. Auxilia os países membros a concretizar os seus projetos de desenvolvimento desportivo e recreativo nessa área de deficiência. A CP-ISRA promove seminários, demonstrações, cursos e colabora na organização de eventos nacionais nos países membros. A CP-ISRA realiza os seus Jogos Internacionais de 2 em 2 anos; seus atletas têm competido nas Paraolimpíadas desde 1980.

Em crianças com necessidades especiais, com déficit motor, ou ainda, especificamente, a paralisia cerebral, é possível perceber atrasos motores devido ao fato de que, geralmente, elas têm menos oportunidades de se movimentar. Crianças com paralisia cerebral apresentam menor proficiência de movimento com claras dificuldades no seu controle motor, pois a paralisia cerebral caracteriza-se por um distúrbio motor não progressivo, que inclui alterações de tônus, postura e movimento, sendo frequentemente mutável e secundário à lesão do cérebro imaturo (SOUZA, 1998; LEVITT, 2001) que pode vir a ocorrer nos períodos pré, peri ou pós-natal (KUBAN, 1994; PIOVESANA, 1998).

A paralisia Cerebral é uma desordem neuromotora que acarreta distúrbios no tônus musculares e funções motoras, podendo vir acompanhada de lesões em outras áreas corticais, onde os principais tipos: Espástica, Atetóide, Atáxica e Rígida. Sabendo disto se faz de suma importância que os mesmos pratiquem atividade física para que assim possam se desenvolver de uma maneira em que consigo atingir devidos objetivos, que segundo a Organização do Desporto Paraolímpicos:

O desenvolvimento de autoestima; a melhoria da autoimagem; o estímulo à independência; a interação com outros grupos; a experiência intensiva com suas possibilidades de limitações; o contato com outras pessoas, deficientes ou não; o desenvolvimento das potencialidades do educando; a vivência de situações de sucesso, possibilitando a melhoria da autovalorização e autoconfiança; a melhoria das condições organo-funcional (aparelhos circulatório, respiratório, digestivo, reprodutor e excretor); o aprimoramento das qualidades físicas entre elas: resistência, força, velocidade; o desenvolvimento das habilidades físicas como: coordenação, ritmo, equilíbrio; a possibilidade de acesso à prática do esporte como lazer, reabilitação e competição; o estímulo das funções do tronco e membros superiores; a prevenção de deficiências secundárias; o estímulo à superação de situações de frustração. (CIDADE; FREITAS, 1998, p. 120-127).

As pessoas com paralisia cerebral também têm sua classificação funcional no esporte, onde, os mesmos não estão incluídos no judô de alto rendimento, mas estão incluídos em várias modalidades como: Arco e flecha, Bocha, Ciclismo (velódromo e rua), Hipismo, Esgrima, Halterofilismo, Futebol de sete, Rúgbi em Cadeira de Rodas, Iatismo, Natação, Tiro (rifle e pistola). Existem alguns casos, onde deficientes com paralisia cerebral, síndrome Dawn, que praticam o judô em algumas escolinhas de treinamento, porém não chegam a competir como atleta de alto nível, pois, a modalidade adaptada judô, é somente para os deficientes visuais.

O desenvolvimento motor da criança com paralisia cerebral se restringe à experimentação de padrões normais de movimentos funcionais que são essenciais para o desenvolvimento motor normal. Conseqüentemente, há diminuição na coordenação e no controle dos movimentos vo-



luntários e na postura, ocasionando alterações no desenvolvimento motor (PIRPIRIS, 2004; WINNICK, 2004), que se refletem, muitas vezes, no aparecimento tardio ou, até mesmo, no não aparecimento de alguns padrões motores maduros. Assim, sabe-se que esta população apresenta desenvolvimento motor de criança com paralisia cerebral. Relato de Pesquisa um déficit motor em virtude da lesão cerebral, contudo, percebe-se também, atualmente, uma grande preocupação em inseri-las em programas de atividades motoras (AURICCHIO, 2001; BRITZKE et al., 2001; GUSSONI, 2001; EMMERT et al., 2002).

Sabendo que o judô é para todos, porém o judô de alto rendimento é apenas para pessoas que não têm deficiência e para os deficientes visuais, B1, B2 e B3. No esporte adaptado seja no judô ou em outras modalidades existe a classificação Funcional que tem como objetivo estabelecer um ponto de partida justo e igualitário para as competições. A classificação funcional surgiu com o objetivo de assegurar a competição justa e eliminar as possibilidades de injustiças entre participantes de classes semelhantes.

O sistema de classificação funcional, a classificação é dita funcional pelo fato de os atletas serem avaliados em relação à sua funcionalidade em situação de jogo foi de crucial importância nas diversas modalidades paraolímpicas, e se tornou um fator de nivelamento no que diz respeito aos aspectos competitivos, garantindo direitos e condições de igualdade e minimizando injustiças dentro do desporto paraolímpico. Onde cada atleta para competir é necessário passar por este sistema, caso contrário não é permitido competir. Para Gutmann (2014):

O objetivo da classificação funcional no esporte paralímpico é: assegurar a competição justa e eliminar as possibilidades de injustiças entre participantes de classes semelhantes e dar prioridade para as mais severas deficiências. (GUTMANN, 2014, 132-146)

Segundo Cardoso e Gaya (2014), O primeiro tipo de classificação para pessoas com deficiência física foi desenvolvido na Inglaterra, em 1940, por médicos e especialistas da área de reabilitação. Esta classificação é conhecida como classificação médica e foi desenvolvida para lesados medulares parciais ou totais, baseada no nível de lesão da medula.

A classificação médica não perdurou por muito tempo, pois tinha muitos aspectos médicos e discordantes da prática esportiva, onde o atleta não utilizava seu verdadeiro potencial muscular. Este sistema se tornou incapaz de agrupar vários tipos de deficiência e funcionalidade, resultando em um número excessivo de classes. De acordo com Freitas (2014), a classifi-

cação funcional não estava mais voltada para as limitações motoras dos atletas, mas sim no chamado “potencial residual” do atleta:

A equipe de classificação deve ser composta por três profissionais da área de saúde: médico, fisioterapeuta e professor de Educação Física. A classificação é realizada em três estágios: médico, funcional e técnico. Na parte médica é feito um exame físico para verificar exatamente a patologia do atleta bem como sua inabilidade que afeta a função muscular necessária para um determinado movimento. Na avaliação funcional são realizados testes de força muscular, amplitude de movimento articular, mensuração de membros, coordenação motora, evidenciando os resíduos musculares utilizados para a performance na prova. Por último vem a avaliação técnica que consiste na demonstração da prova realizada utilizando as adaptações necessárias. São observados os grupos musculares na realização do movimento, técnica utilizada, também são observadas a utilização de próteses e órteses durante a prática desportiva (FREITAS, p. 132-146, 2014).

Os atletas pertencem a seis grupos diferentes de deficiência no Movimento Paraolímpico: paralisia cerebral, amputados, deficiência visual, lesões medulares, deficiência intelectual e um grupo que inclui todos aqueles que não se enquadram nos grupos acima referidos (les-autres).

Na Deficiência Visual a classificação é determinada pela International Blind Sports Association (IBSA), a classificação é realizada de acordo com os parâmetros funcionais da acuidade visual e do campo visual, e são classificados em: B1 - Cegueira Total, incapacitando o reconhecimento de objetos ou contornos; B2 – Limitação no campo visual em 5° ou acuidade visual de 2/60; B3 - Limitação no campo visual entre 5° e 60° ou acuidade visual entre 2/60 a 6/60. (FREITAS et al, 2014).

Sendo assim o judô adaptado ele inicia com as mãos já em forma de pegadas, em algumas modalidades do esporte para deficientes visuais existem adaptações diferentes em relação a outras deficiências, tais como uso da venda por todos os atletas de Goalball, independente da classificação, no atletismo, alguns atletas podem fazer uso de um atleta guia, e no judô os atletas já iniciam na posição inicial da luta, como citado acima.

Os judocas das três categorias oftalmológicas, B1 (cego), B2 (percepção de vulto) e B3 (definição de imagem) lutam entre si. O atleta B1 é identificado com um círculo vermelho em cada ombro do judogui. Infelizmente com todo esse avanço de classificação funcional, mesmo assim ainda deixa muito a desejar tanto a qualificação e comprometimentos dos avaliadores quando ao sistema de classificação funcional que é feito nas avaliações funcionais.

Como vimos nas classificações funcionais, os atletas B1, B2 e B3 lutam entre si. Isto é o que os critérios determinam, sendo que se torna injusto de forma que o B1 que é cego total luta com os B1, B2 e B3, onde B2 e B3 não são cegos totais e no nosso ponto de vista eles saem em vantagem. Mesmo que quando perdem ou não tem a visão, outros sentidos são mais aguçados, o do B2 e B3 também são, então além de um dos sentidos serem aguçados de todos classificados o B2 conseguiu perceber vultos e o B3 classificar imagem, enquanto o B1 não enxerga absolutamente nada.

São por vários motivos em que os pais ou responsáveis deveriam colocar os seus filhos com o comprometimento visual á prática do judô ou em outras modalidades esportivas, desde de criança á adultos. O IBSA - Associação Internacional de Desporto para Cegos. A Associação foi criada em 1981, em Paris, e desde então os atletas cegos e deficientes visuais parciais têm competido nas Paraolimpíadas. Sua ação está em enviar atletas cegos aos eventos e assistir os países com programas de desenvolvimento de esportes para cegos. A IBSA realiza seus Jogos Internacionais de 2 em 2 anos.

Segundo os autores, Freitas e Cidade que, os objetivos que devem nortear a prática pedagógica dos esportes com a pessoa portadora de deficiência visual, precisam estar organizados a partir de limitações e potencialidades do indivíduo, bem como as modalidades que serão desenvolvidas, devendo englobar:

A diminuição da limitação psicomotora geralmente apresentada; a utilização de todo potencial sensorial e psicomotor; a melhoria das condições organo-funcionais: aparelho circulatório, respiratório, digestivo, reprodutor e excretor; a possibilitar de acesso à prática do esporte como lazer, reabilitação e competição; a prevenção de doenças secundárias; o estímulo à autonomia e à independência. (FREITAS; CIDADE, p. 132-146, 2014)

### **3 METODOLOGIA**

O tipo de pesquisa descritiva que Segundo Gil (2008) é descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. Ex.: pesquisa referente à idade, sexo, procedência, eleição etc.

Quanto a abordagem, será feito a pesquisa qualitativa de acordo com Goldenberg (1997), não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social.

Foi utilizada como instrumento de pesquisa uma entrevista semiestruturada. Na entrevista semiestruturada de acordo com Gil (1999, p.120) o “entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. Percebe-se que nesta técnica, o pesquisador não pode se utilizar de outros entrevistadores para realizar a entrevista mesmo porque, faz-se necessário um bom conhecimento do assunto. Foi escolhido este instrumento de pesquisa com o objetivo de dialogar e obter os resultados da pesquisa.

A pesquisa será realizada com o aluno que possui deficiência visual, e, desta forma, o mesmo só teria condições de responder a um questionário descritivo na escrita Braille, porém para a pesquisadora, não haveria condições de interpretação dos dados, e por este motivo será em forma de entrevista.

Já com o aluno com deficiência que possui paralisia cerebral, será realizada entrevista com o responsável do aluno, sendo o pai, a mãe ou outro familiar para descobrir o motivo de escolher o judô como prática esportiva na escola para o seu filho/parente. O motivo pelo qual foi escolhido apenas dois entrevistados é que existe somente duas pessoas deficientes que praticam judô nessa determinada escolinha de lutas.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **• Entrevista com a mãe do aluno**

#### **13 anos de idade, gênero masculino**

O entrevistado já praticou outras modalidades, o jiu-jitsu e a natação. O aluno ingressou no judô por meio de convite e o consentimento da mãe, sendo que o motivo foi para obter melhora no tônus muscular e trabalhar a concentração do mesmo. O aluno realiza o treinamento da modalidade há três meses, sendo que a mãe espera que o praticante alcance os objetivos.

A mãe relatou que com os três meses de treinamento, ela já vem observando uma grande melhoria na coordenação motora global, sendo que o aluno já consegue andar e correr uma determinada distância sem cair, ou seja, está caindo com menos frequência, e o mesmo também ainda está se sentindo mais seguro em relação aos seus comprometimentos.

Na equipe que o mesmo treina, somente ele possui a paralisia cerebral, ou seja, ele se encontra em situação de inclusão no grupo. A mãe falou que sobre as aulas de judô, seu filho somente descreve sobre algo que chame a atenção durante as aulas, não conseguindo descrever as atividades realizadas. Com relação às dificuldades apresentadas pelo aluno, a mãe afirmou que quando ele não compreende algo solicitado pelo professor, ele não tem dificuldades em dizer e perguntar novamente.

Nas aulas de judô, a mãe observa e relata que sente que ele é incluído com os demais, pois ela observa que não se faz necessário adaptação para o mesmo nas aulas, sendo que ele consegue se desenvolver dentro do seu limite. A mãe e ele sentem que o preconceito não é do corpo docente e sim dos alunos, que por algum motivo vem a excluí-lo.

• **Entrevista com o deficiente visual**

**29 anos, gênero masculino**

A classificação no judô do entrevistado é B2, sendo que o mesmo possui percepção de vultos. O motivo pelo qual ele ingressou no judô foi pelo fato dessa modalidade possuir mais contato físico e a facilidade de adaptação com sua respectiva deficiência.

O objetivo de ingressar no judô foi mostrar para a sociedade que mesmo possuindo limitações peculiares, tais limitações não são empecilho para treinar judô. Para ele, treinar com pessoas que não possuem deficiência é bom, porém sente-se constrangido quando ao realizar suas lutas, as pessoas não querem lutar com por medo.

As dificuldades encontradas pelo entrevistado são por não saber escrever no sistema braile, já que o mesmo não consegue enxergar bem, sendo assim, não consegue escrever e fica desorientado nas aulas teóricas por ter que gravar tudo para poder estudar depois.

As modalidades esportivas para pessoas com deficiências físicas são baseadas na classificação funcional e atualmente apresentam uma grande variedade de opções. As modalidades paraolímpicas são o arco e flecha, atletismo, basquetebol, bocha, ciclismo, equitação, futebol, halterofilismo, iatismo, natação, rugby, tênis de campo, tênis de mesa, tiro e voleibol (ABRADECAR, 2002).

Como podemos observar a modalidade judô não é oferecida nas paraolimpíadas para os deficientes com paralisia cerebral, sendo oferecida somente para os deficientes visuais, porém temos o entrevistado que possui a respectiva deficiência e pratica a modalidade judô e o mesmo vem alcançando os objetivos esperados pelo responsável e por ele mesmo.

Ao ingressar na modalidade com um dos objetivos a melhoria da coordenação motora global, a mãe diz que de fato isso vem acontecendo, já que isso é uma característica da paralisia do mesmo, que é a dificuldade na coordenação motora global. Onde a pratica do judô vem favorecendo e indo de encontro com tal objetivo esperado. Segundo Guttman (1976), acredita-se que o esporte ele traz o aprimoramento da coordenação motora entre outros benefícios.

Partindo também para outro objetivo esperado é os tónus muscular que se espera que os tónus dele venham a evoluir, tendo a tonificação muscular para melhor realizar os movimentos. Já dizia Geralis (2007):

Todas as crianças com paralisia cerebral têm problemas de tónus muscular. Algumas crianças têm músculos que são frouxos, relaxados e hipotônico. Outras têm músculos anormalmente contraídos ou hipertônicos. Além disso têm crianças que têm tónus muscular flutuante, que cria movimentos involuntários, tremores ou variação na força e fraqueza dos músculos durante movimentos intencionais. Os efeitos mais óbvios, naturalmente, são no desenvolvimento das habilidades motoras amplas e finas. Para as crianças com hipertonía, a tensão muscular excessiva, combinada com articulações inflexíveis, pode dificultar os movimentos. Para as crianças com hipotonia, as articulações amplamente flexíveis e os músculos fracos e frouxos resultam em movimentos imprecisos e mais lentos. (GERALIS, 2007, P138).

É notório e explicado pela mãe que a criança ele tem dificuldade na fala, onde o mesmo não conseguiu descrever verbalmente tudo o que ocorreu nas aulas de judô, falando apenas o que lhe chamou mais atenção e mesmo assim tendo a dificuldade na fala pois a mesma é reproduzida de forma mais lenta. De acordo com Geralis (2007):

A parte do processo de comunicação em que usualmente as crianças com paralisia cerebral têm mais dificuldade é a fala, isso é devido ao fato de que a fala depende da coordenação dos músculos envolvidos na respiração (inspiração e expiração do ar), fonação (produção de voz) e a articulação (produção de som). O termo disartria é usado para descrever a fala de qualidade lenta, sem energia e monótona das crianças com paralisia cerebral que têm esses tipos de problemas muscular. (GERALIS 2007, p. 169).

No esporte para deficientes visuais, temos a Classificação Esportiva onde é dividida segundo MUNSTER:

B1: desde a inexistência de percepção luminosa em ambos os olhos, até a percepção luminosa, mas com incapacidade para reconhecer a forma de uma mão a qualquer distância ou direção. B2: desde a capacidade para reconhecer a forma de uma mão, até a acuidade visual de 2/60 metros e ou campo visual inferior a 5 graus. B3: acuidade visual entre 2/60 e 6/60 metros, ou um campo visual entre 5 e 20 graus. B3: acuidade visual entre 2/60 e 6/60 metros, ou um campo visual entre 5 e 20 graus. (MUNSTER, 2004, p. 28 - 76).

No judô os atletas das três categorias oftalmológicas são: B1 (cego): não é o caso dele, pois ele consegue ter a percepção de alguns vultos, B2 (percepção de vulto): que segundo o entrevistado ele consegue ter a percepção de pessoas, coisas e animais, porém o mesmo não consegue perceber os detalhes, ou seja, ele vê uma pessoa porém não consegue descrever a cor dos olhos, formato da boca ou algo mais detalhado e o B3 (definição de imagem): ele não consegue ver imagens, apenas “clarão”, mesmo assim com muita dificuldade que as vezes os olhos começam a ficar irritados.

O entrevistado relata que se sente muito à vontade e que está alcançando seus objetivos que é mostra para a sociedade que independente de comprometimentos, sejam físicos ou psicológicos todos tem a capacidade de treinar e ser atleta.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que cada vez mais, a prática de esportes e atividades físicas por pessoas que possuem alguma deficiência vem crescendo cada vez mais, hoje os esportes já oferecem as modalidades esportivas adaptadas, porém ainda em várias cidades ainda não se é muito praticado por vários motivos, e um deles é a qualificação profissional das pessoas que trabalham com os esportes que se encontram na maioria das vezes despreparados para lidar com esse público.

O segundo motivo é que as cidades não são tão acessíveis, sendo que as pessoas com deficiências ou não, que possuem dificuldade de locomoção eles precisam se locomover por lugares acessíveis, e acessibilidade é algo quase inexistente, onde as cidades em sua grande maioria não tem estruturas acessíveis para atender as devidas populações.

Como foi discutido o judô adaptado existe somente para os deficientes visuais, onde encontramos também pessoas que tem outras deficiências e que praticam judô ou até mesmo outras modalidades que não são adaptadas para os mesmos.

Sendo assim acreditamos que deveriam incluir os alunos que estão inseridos em outras modalidades que sua deficiência ainda não é aceita para a sua prática e analisar as regras do judô para os deficientes visuais que o B1, B2 e B3 lutam entre si, se tornando injusta essa regra pois cada um tem um percentual visual diferente.

Esperamos que as modalidades que ainda não são adaptadas para os mesmos venham a adaptar as modalidades pois alunos treinando/praticando já existe, e se já existe é por que tem possibilidades de adaptações não só da prática pedagógica ou do treinamento do professor mais do esporte como um todo.

## REFERÊNCIAS

BRAZUNA, M. R.; CASTRO, E. M. A Trajetória do Atleta Portador de Deficiência Física no Esporte Adaptado de Rendimento. **Revista Brasileira Motricidade**, vol. 7, n. 2, p. 115-123, 2001.

CARDOSO, V. D.; GAYA, A. C. **Conexões**: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 12, n. 2, p. 132-146, abr./jun. 2014.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA).

FREITAS, P., Cidade, R. E. **Organização do Desporto Paraolímpico**.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRECO, P. J.; VIANA, J. M. Os princípios do treinamento técnico aplicados ao judô e a interrelação com as fases do treinamento. **Revista de Educação Física**, v. 8, n.1, p. 37-43, UEM, 1997.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUTTMANN, L. **Textbook of sport for disable**. Oxford: HM+M Publishers Ltda, 1976.

GERALIS, E. **Crianças com Paralisia Cerebral**: Guia para pais e educadores. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.



GREGUOL, M.; COSTA, F. **Atividade Física Adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. Barueri: Editora Manole, 2013.

KANO, J. **Energia Mental e Física**: Escritos do fundador de judô. Barueri: Editora Manole, 2014.

MELO, A. C. R., LÓPEZ, R. F. A. O Esporte Adaptado. **Revista digital EFDeportes**, Buenos Aires, Agosto, 2002.

MUNSTER, M. A. V.; ALMEIDA, J. J. G. **Atividade física e deficiência visual**. In: GORGATTI, M. G., COSTA, R. F. (Orgs.). **Atividade física adaptada**. Barueri: Manole, 2008, p.28-76.

ROZA, A. F. C. **Judô Infantil**: Uma brincadeira séria. São Paulo: Phorte, 2010. 120 p.

ROSA, G. K. B. et al. Desenvolvimento motor de criança com paralisia cerebral. **Revista Brasileira Educação Especial**, Marília, v.14, n.2, p.163-176, Mai.-Ago. 2008.